



CONFRARIA DAS LAGARTIXAS



A PRÓXIMA

CONTO

ARTHUR SCHNITZLER

O

terrível inverno havia passado. Quando, pela primeira vez, ele pôde deixar a janela aberta novamente, quando as primeiras aragens da primavera penetraram e o ruído surdo da rua subiu, começou a sentir que a vida para ele não tinha ainda chegado ao fim. Desde então passava as tardes, após vir do escritório para casa, junto à janela aberta, horas a fio. Aproximava uma cadeira, pegava um livro e tentava ler. Mas sempre deixava o livro cair logo no colo e olhava para fora. Seu apartamento ficava no último andar; nos momentos em que permanecia assim sentado, a única coisa que via era o céu azul a sua frente. Nesses últimos dias de março, soprava com

freqüência um vento leve, que lhe trazia o fresco odor das primeiras flores do Parque Municipal.

No último dia de outubro do ano anterior morrera sua mulher. Daí por diante vivera como que anestesiado. O fato de que a esposa pudesse partir ainda jovem, que pudesse deixá-lo também jovem, sozinho no mundo, nunca lhe tinha ocorrido. Nas primeiras semanas após a sua morte, o pai da falecida ainda viera algumas vezes visitá-lo, vindo do subúrbio, onde era dono de uma pequena loja; mas as relações entre ele e o velho senhor, que sempre haviam sido muito frouxas, logo mais cessaram completamente. Seus próprios pais haviam morrido cedo. Tinham vivido numa pequena localidade longe da capital, da qual ele saíra ainda menino, para freqüentar o ginásio em Viena. Dessa forma, viu-se obrigado a passar quase toda a sua juventude entre estranhos. Após a morte do pai, que havia sido tabelião, Gustav deixou os estudos ginasiais, que levara avante com afinco, mas sem talento, até seu 17º ano de vida. Passou então a trabalhar no escritório das Estradas de Ferro, que desde o início lhe oferecia um rendimento modesto e a esperança de um progresso lento, porém cumpria com seu dever, e seus divertimentos eram escassos. Uma vez por mês ia ao teatro; todo sábado se encontrava com os colegas de escritório, para juntos esperarem a noite chegar. Durante seu 23º ano de vida,

esta rotina ficou momentaneamente perturbada. Uma jovem mulher, que conhecera numa festa da Sociedade Coral, tornou-se sua amante. Viveu alguns dos sofrimentos do ciúme e uma intensa dor quando ela deixou Viena em companhia do marido. Logo mais, porém sentiu-se aliviado por ter acabado aquele tempo de agitação e, respirando novamente, voltou aos antigos hábitos.

Após quatro anos, conheceu uma moça que costumava visitar a família com a qual ele morava então. Percebeu logo que nunca encontraria outro ser como ela que pudesse ser tão adequado como esposa. Por meio de seu senhorio ficou sabendo a respeito dela o tanto que queria. Havia ficado noiva durante um ano; o noivo morrera e, desde então, uma silenciosa tristeza parecia espraiar-se sobre todo o seu ser. A moça tinha a formação simples das jovens da média burguesia e, além disso, um notável talento musical. Contavam-lhe que ela cantava melhor do que muitas cantoras famosas. Gustav tomou-se da ambição de fazer com que os lábios da jovem voltassem a sorrir; e agora pensava com gosto naquela aventura de sua primeira juventude, para sentir nessa lembrança que também ele possuía a capacidade de significar alguma coisa para mulheres de caráter nobre. Ficou muito feliz quando Therese sorriu pela primeira vez, ao conversar com ele; nessa noite sentiu uma

espécie de embriaguez que o deixou orgulhoso, sem que soubesse por quê. Poucos meses depois ela se tornou sua mulher; para ele, foi como se só então a existência começasse de verdade. A consciência de ter nos braços alguém jovem, que não pertencera a ninguém antes dele, enchia-o de prazer. De início, temia profanar essa criatura pura com o ardor de suas carícias, mas quando logo ela própria começou a ir a seu encontro com igual ardor, ele se entregou por inteiro à felicidade. Como seu casamento não trouxe filhos, a relação entre ambos não mudou ao longo dos anos. Sua casa era para ela simultaneamente o lugar da paz e da alegria. Afastou-se de seus antigos conhecidos. Apenas poucas pessoas visitavam o jovem casal, e, mesmo assim, raramente; o pai de Therese e uma de suas amigas, que estava ficando solteirona e que tinha alguma importância para Gustav apenas na medida em que às vezes acompanhava Therese quando esta cantava. Freqüentemente, porém, Therese cantava sozinha, e isso era o que ele mais gostava. Em sua voz ecoava, para ele, toda a sua alma, maravilhosamente composta de uma mistura de pureza e paixão. Às vezes, à noite, ele lhe pedia que cantasse em voz baixa um *lied* de Schubert. E ele fazia isso, puxando-o para perto de si, pondo os seus lábios muito próximos de seu ouvido, e então a escuridão do quarto ficava inteiramente preenchida com seus arrepios de arrebatamento e admiração.

Therese trouxera um pequeno patrimônio para o casamento, o qual foi o suficiente para instalar com conforto uma morada simples; para viver, tinham de contar com o salário do marido. Mas a parcimônia da jovem esposa nunca deixou surgir neles qualquer sentimento de privação; e, no verão, eles até mesmo podiam conceder-se, durante o tempo de férias, uma estada de três semanas em alguma pequena aldeia nos bosques da baixa Áustria. O futuro apresentava-se a ambos como uma convivência tranquila, (...)

(...) a melancolia da velhice estava muito longe, e nenhum dos dois jamais pensara no fim. Após sete anos de casamento eram ainda um casal de amantes.

Em setembro, logo após retornar do campo. Therese adoeceu. O médico desde o início não deu esperanças, mas Gustav não acreditou. Parecia-lhe totalmente impossível que Therese pudesse morrer. Ela pouco se queixava; apenas definhava. Ele não conseguia compreender. Só nos últimos dias começou a entender o que estava por vir. Ficou em casa e não arredava pé de seu leito. Foi tomado por um medo atroz. Fez com que fossem chamados dois médicos famosos; nada puderam fazer, além de prepará-lo para o fim que se avizinhava. Só na última noite Therese sentiu, ela própria, que estava perdida, e se despediu dele. Essa noite passou, e depois veio ainda um dia interminável, durante o qual choveu. Gustav estava sentado junto ao leito de Therese e a viu morrer. Foi no início da noite.

Depois veio o inverno terrível, que agora, ao soprarem os primeiros ventos da primavera. Lhe parecia ter sido uma noite longa, pesada, asfixiante. Também suas obrigações profissionais ele cumprira como numa espécie de letargia, da qual ora acordava paulatinamente. A cada um desses dias de primavera ele se sentia voltar à consciência. Sua dor, que o mantivera cercado como um inimigo assanhado, aos poucos soltava seu abraço. Gustav respirava de novo; sentia que estava novamente vivo. Ao anoitecer ia passear. Saia para longas

caminhadas, como as que costumava fazer anos antes; de início, apenas nas ruas da cidade; depois, quando os dias começaram a ficar mais longos, ia mais longe, andando pelo campo, charnecas, florestas e colinas. Gostava de caminhar até ficar cansado. O retorno ao lar lhe causava um certo temor: de noite, as paredes de sua morada o rodeavam com uma estreiteza torturante e, quando acordava, chorava não apenas de dor, mas também de medo. Retomou o contato com seus velhos conhecidos e ia, de vez em quando, o restaurante onde alguns de seus colegas de serviço, costumavam jantar. Quando certa vez contou que dormia mal, aconselharam-no a beber um pouco mais de vinho do que de hábito. Ao seguir este conselho, observou surpreso que participava com vivacidade da conversa e que sentia quase alegremente excitado. Mais tarde, ao voltar sozinho para casa, pareceu-lhe que os amigos o tinham observado de um modo peculiar, de certa forma reprovador, e sentiu um pouco de vergonha.

Os dias foram ficando mais quentes; as noites, porém, eram amenas. Sua saudade pela falecida tornou-se mais intensa; havia horas em que aquela consciência terrível de perda irremediável irrompia por sobre ele com toda a força de uma nova desgraça. Quando, certa vez, numa tarde de domingo, passeava sozinho pelo parque de Dornbach – a primavera o envolvia com todo o set

esplendor, as árvores alardeavam uma folhagem verde e espessa, os prados brilhavam em cores claras, todos os caminhos estavam cheios de vida, com muitos passantes, crianças a correr e brincar, grupos de jovens acampados à beira da floresta -, então ele comprehendeu pela primeira vez o quanto estava só; não sabia como poderia continuar a carregar seu sofrimento. Teve necessidade de gritar; sentiu até como, com os olhos muito abertos, prosseguia seu caminho por entre as outras pessoas, num passo singularmente rápido; e percebeu também que alguns o observavam com estranheza. Queria fugir das pessoas; procurou caminhos mais tranqüilos; subiu, por entre as altas bétulas e pinheiros, um morro chamado Sofienalpe e chegou ao topo quando o sol se punha. Avistou os vales e morros banhados num brilho vermelho esbranquiçado e, ao olhar para trás, viu a cidade submergir numa névoa pálida e prateada. Ficou longo tempo ali parado e se acalmou. Pela estrada, cujo desenho podia acompanhar com os olhos até a profundidade do vale, levantavam-se leves nuvens de pó; ouvia o ruído abafado dos carros e algumas vozes humanas mais estridentes; até ele subia uma ou outra risada claramente audível. Devagar iniciou o caminho de volta, não pelo bosque, por onde viera, mas pela larga estrada real. De vez em quando detinha-se e respirava fundo, como se de algum lugar lhe tivesse chegado um consolo. O crepúsculo veio rapidamente. Passando por belas casas de campo, levado pelo fluxo das pessoas, logo chegou a uma estalagem com mesas ao ar livre, num amplo jardim, onde havia muita

gente. Os lampiões estavam acesos; junto a uma mesa, nos fundos do jardim, havia músicos que tocavam canções vienenses num acordeão, num violino e numa flauta. Enquanto um outro, com voz aguda e adocicada, cantava. Bem longe deles, junto à entrada, Gustav ocupou uma cadeira. Observou as pessoas a seu redor; na mesa ao lado havia duas moças que lhe pareceram muito bonitas e que ele observou por longo tempo. Lembrou-se de seu tempo de solteiro, porque desde então nunca mais observara qualquer mulher com aquele olhar. Vieram-lhe à memória figuras femininas que, nos últimos tempos, vira em caminhadas regulares da casa ao escritório, mas que nada tinham significado para ele. Agora, frente a essas duas jovens loiras, sentiu novamente, pela primeira vez, que ainda era jovem. Agora também lhe vinha à mente a maneira como, às vezes, as mulheres olhavam para ele na rua; e com susto e alegria simultâneos tomou consciência de que a vida, apesar de tudo, não poderia ter passado totalmente para ele, e que havia moças bonitas que ele talvez pudesse abraçar. Sentiu como que um calafrio passando por seu pescoço e pelos lábios, ao pensar nos beijos que ainda lhe estavam destinados. Foi tomado por uma ânsia estranha ao imaginar uma das moças da mesa ao lado em seus braços e fechou os olhos. Mas logo que suas pálpebras desceram, (...)

(...) viu o rosto de sua falecida mulher diante de si, e viu sua boca se aproximar da dele, lentamente, com um movimento quieto e palpitante, que lhe era peculiar.

Aterrorizado, abriu rapidamente os olhos. Aquelas moças não significavam mais nada para ele. Sentiu que nenhuma mulher no mundo jamais poderia significar nada para ele. Com a mesma violência de poucas horas atrás, durante o passeio, ressurgiu novamente sua dor, e ele soube que estava perdido para o mundo e seus prazeres. Envergonhou-se dos instantes passados, e a idéia de alguma vez voltar a ter uma mulher em seus braços o encheu de nojo de volta. Totalmente destruído, retomou o caminho de volta. Sentia como se devesse se mortificar; foi a pé pelo longo caminho até sua casa e chegou com um cansaço tão profundo, como nunca antes acreditava ter sentido. Corpo e alma pareciam-lhe moídos. Sobreveio um sono inquieto, pesado, e ele acordou com um obscuro pressentimento, como se algo medonho estivesse para acontecer.

Nos dias seguintes atormentou-se na busca de uma nova ordem e de um novo sentido para sua existência. Reconhecia que não poderia continuar se entregando àquela dor violenta, se não quisesse ficar incapacitado para continuar a viver. Estranhava, ao lembrar o passado, a maneira como passara a vida antes de conhecer a esposa; era como se tivesse vivido uma espécie de sonho. Afara o trabalho do escritório, que ele sempre cumprira com certa alegria por sua própria

confiabilidade, suas necessidades espirituais haviam sido escassas. Gostava de ouvir música e por vezes lia descrições de viagens, que costumavam prendê-lo menos por seu conteúdo aventuroso do que pelas descrições da natureza. E quando, agora, se perguntava o que mais gostaria de fazer, tinha que dizer a si mesmo: viajar. Contudo, era-lhe impossível renunciar ao trabalho, e férias curtas, que ele até poderia obter, seriam inúteis para ele; sim, e ao refletir mais detidamente, era acometido por um certo temor de vaguear sozinho por regiões desconhecidas, totalmente entregue a suas lembranças. Assim, desapareceu a leve calma que o início da primavera trouxera. Também a companhia de seus colegas no restaurante se tornou desagradável; ia mais raramente e partia mais cedo. Uma vez aconteceu que, à noite, de volta para casa, sua luz apagou na escada; nesse momento sentiu-se tomado por um medo tal que se viu obrigado a sentar-se nos degraus, encolhido, gemendo. Procurou os fósforos com a mão trêmula. Quando achou um e reacendeu a luz e uma claridade bruxuleante se espalhou, tentou rir de si mesmo. Conservou propositalmente o sorriso nos lábios até chegar ao quarto. Viu-se, então, no espelho, e não se reconheceu. Aproximou-se, tão perto que seu hálito embaçou a superfície do vidro. Numa das mãos segurava o castiçal com a vela; colocou-o sobre a cômoda, por cima da qual estava pendurado o espelho; depois retrocedeu, sentou-se na beirada

da cama e se despiu rapidamente com a sensação de que esta era seu único refúgio. Após deitar-se, puxou a coberta sobre o rosto. Lembrou-se, então, de que a luz ainda estava acesa, mas não se atrevia a levantar. Tomou a decisão de ficar acordado até a vela ter se consumido totalmente. Devagar afastou a coberta dos olhos; lá estava a luz, e no espelho ele a via também. Olhou para lá fixamente e após alguns segundos adormeceu.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que lhe veio à mente, contudo, não foi o medo que sentira na noite anterior, e sim aquele passeio a Sofienalpe, poucos dias atrás. Na lembrança, parecia ter sido uma aventura agradável e, como se fosse uma redenção, ocorreu-lhe que poderia ir toda tarde para o campo, sentar-se toda noite no jardim de uma estalagem e observar mulheres bonitas. Mesmo no escritório, durante o trabalho, não conseguia pensar em outra coisa a não ser florestas e pradarias, onde mulheres e garotas passeavam, vestidas com roupas leves e carregando sombrinhas. Mas quando, à tarde, pensou seriamente em ir ao campo, estava tão cansado que a realização desse intento lhe pareceu simplesmente impossível. Deitou-se vestido na cama e teve a sensação de alguém que sarasse aos poucos de grave enfermidade. À noite passeou sem pressa pelas avenidas do Ring e sentiu uma espécie de alegria tranqüila, quando o olhar

das moças com quem cruzava encontrava o seu. Algumas até olhavam mais longamente para ele, viravam de leve a cabeça em sua direção, e parecia haver em todos estes olhares uma calidez que há tempos não sentia e da qual tivera profunda saudade. Seus desejos não iam mais longe. Não pensava em travar conhecimento com ninguém, nem em apertar algum destes seres em seus braços; alegrava-se meramente por sua existência e por seus olhares.

Mais alguns dias se passaram desta forma quase quimérica, em que pela manhã, no escritório, ele sonhava com bosques, pradarias e belas mulheres; à tarde deitava-se e cochilava em seu leito; à noite passeava e acabava jantando, bem cedo, num restaurante, de preferência ao ar livre, numa mesa atrás da cerca.

Certa vez, ao acordar de seu cochilo vespertino, viu-se parado no meio do quarto e toda a sua vida dos últimos dias lhe pareceu incompreensível. O que lhe causou mais estranheza foi o fato de durante vários dias não ter pensado sequer uma única vez em sua mulher, o fato de que certamente não se lembrara dela com verdadeira dor; e de repente teve uma grande ânsia de chorar, como se com isso pudesse reparar a injustiça que cometera. Mas não tinha lágrimas. Depois, na rua, quando uma fila de mulheres desfilou a seu lado, as lágrimas correram

lentamente, como se se envergonhassem de sua escassez e de seu atraso. Logo depois teve a sensação de ter honrado uma dívida; caminhou mais depressa e sentiu um pouco de contentamento pelo mero fato de andar a esmo. Com súbita clareza percebeu então que queria voltar a ser feliz e que tinha direito a sê-lo. Sim, a noção de que tanta coisa estava a sua disposição derramou-se por sobre ele com silencioso deleite. Pensou nas centenas de belas mulheres que não se recusariam a seus avanços; todos os sorrisos, que pareciam lhe estar destinados, e todos os contatos casuais disparavam arrepios por seu corpo. Alegrava-se com alguma coisa que lhe sucederia proximamente, que ele poderia ter tão logo quisesse – em uma semana, nesse mesmo dia ou no seguinte, dali a um quarto de hora, quando lhe aprouvesse -, e a incerteza dentro dessa certeza era um atrativo a mais. Sentou-se num banco perto do Volksgarten. Do parque vinha música e as pessoas que passavam por Gustav pareciam embaladas por seu ritmo.

Tirou o chapéu e o pôs sobre os joelhos,
e foi como se tivesse retirado, com ele,
um pesado anel de ferro de sua testa.

Agora parecia-lhe que podia começar a fazer planos. Teve a sensação de que nesse dia, às seis da tarde, seu luto havia chegado ao fim, e de que tinha agora também outros deveres e mais direitos do que há algumas horas atrás. Ao mesmo tempo, estava muito tranqüilo, praticamente não tinha qualquer desejo, só uma sensação de calma, de que seu desejo não era mais um crime e de que sua satisfação seria coisa fácil.

Ficara sentado bastante tempo no banco, quando percebeu a presença a seu lado de um jovem casal que deveria ter chegado nesse instante. Os dois falavam baixo, mas ele podia entender algo do que diziam; parecia tratar-se de um reencontro no dia seguinte.

Só então lhe veio à mente o fato de que também seria necessário dirigir palavra à pessoa da qual pretendesse se aproximar, e isso lhe pareceu, naquele instante, tão difícil que um rubor de medo lhe subiu ao rosto. Refletiu sobre como deveria começar uma conversa com qualquer mulher e construiu as frases que diria a cada uma delas. Passou por ele uma moça acompanhada de um menino. Nesse caso ele diria: "Boa noite, senhorita. Mas que garoto encantador! Com certeza é o senhor seu irmão!". E teve de rir, porque sem dúvida era uma boa piada chamar um menino pequeno de "senhor seu irmão", e a moça certamente também teria rido. Ela ainda estava ali, a dez passos

de distância; mas ele não se atreveu. Agora vinha uma senhora bastante gorda, segurando um maço de partituras. A esta ele teria perguntado se lhe permitiria ajudá-la a carregar as partituras. Depois passaram duas adolescentes, uma delas com uma caixa na mão, a outra com uma sombrinha, e que falava muito depressa, como se contasse à amiga algo de grande importância. A esta ele poderia ter dito: “Conte algo para mim também, senhorita!”. Mas isso seria ousado demais. Agora vinha uma mulher jovem, que caminhava muito devagar e mexia com a cabeça de um lado para o outro, totalmente ensimesmada, como se o resto do mundo não lhe interessasse. Ao passar por Gustav, olhou para ele e sorriu, como se lhe parecesse conhecido. Ele se levantou, mas não porque ela sorrira, mas porque sua figura – e sobretudo agora, que a via por trás – tinha uma semelhança tão extraordinária com sua falecida mulher que ele quase chegou a se assustar. Sim, até o penteado era o mesmo, e também um chapéu igual àquele sua mulher devia ter usado alguma vez. E, quanto mais ela se afastava, tanto mais Gustav poderia ter imaginado que se tratava da falecida. Temeu que ela pudesse voltar a olhar para trás, pois os traços propriamente ditos não tinham qualquer semelhança; só o andar, a figura, o penteado, o chapéu.

Resolveu segui-la.

Resolveu
seguí-
la.

O que ela poderia ser? Não tinha experiência suficiente para avaliar com segurança. Em seu sorriso não havia nada de vulgar – nem fora muito encorajador. Ela estava uns dez passos a sua frente; ele manteve sempre a mesma distância. Toda vez que ela passava por um lampião, era possível perceber o contorno de sua figura de maneira mais clara; e toda vez ele acreditava ver pairar diante de si o andar de sua falecida mulher; e, com uma espécie de prazer pela loucura, tentou se convencer de que de fato era ela. Dizia para si: Agora, a esta distância... ao ver esta figura... este andar... este penteado.... É ela. Se milagres existissem, e eu recebesse alguma coisa dela de volta – só sua figura, só seu andar -, não ficaria feliz? Ela parecia não notar que alguém a seguia e continuava a passear despreocupada. O caminho a levava ao longo do Parque Municipal; andava bem perto da grade passava os dedos por suas barras. Gustav estremeceu. Lembrou-se de que era costume da esposa tocar com os dedos paredes, muros e grades, ao passar. Sentiu como se a mulher que ia dez passos a sua frente fizesse propositalmente a mesma coisa e sabia, ao mesmo tempo, que esse sentimento era totalmente insensato. E mesmo assim, a partir desse instante, parecia-lhe haver em cada um dos movimentos da moça algo proposital, algum propósito relacionado com ele. Sim, para ele era como se esta pessoa, que caminhava a sua frente, pensasse: Eu faço tudo

isso como sua mulher fazia. Em sua alma nasceu uma certa indignação; durante um momento teve vontade de se voltar e de retomar seu próprio caminho, como se não pudesse admitir tal zombaria. Mas era como se ela o arrastasse atrás de si, e ele continuou a segui-la. A moça entrou pela Wollzeile, depois por uma rua lateral, cujo nome ele não sabia; então entrou numa das primeiras casas, sem ter se virado sequer uma vez. Ele ficou parado diante do portão durante um tempo; talvez ela tornasse a descer. Observou as janelas. Logo mais uma delas, no terceiro andar, foi aberta. Era a mulher que ele havia seguido; não conseguia enxergar seu rosto na escuridão, nem a direção de seu olhar, mas o movimento de sua cabeça lhe indicou que ela olhava para cima; depois ela apoiou os cotovelos no peitoril e virou a cabeça para baixo. Ele se afastou rapidamente; não queria ser visto pela mulher. Mas ao lembrar-se dela, enquanto se apressava pelas ruas, não era mais uma estranha, que hoje vira pela primeira vez – não, era sua mulher, a falecida, quem olhava para a rua, com os cotovelos apoiados no peitoril. Nem conseguia imaginar outra pessoa naquele lugar, e novamente sentiu como se a estranha soubesse o que lhe estava acontecendo. Esforçou-se para afastar tudo isso de seus pensamentos, mas foi totalmente em vão. Afinal sentou-se num restaurante, comeu e bebeu. O mormaço era extraordinário. Depois de Gustav ter bebido, aquelas idéias perderam o que

tinha de opressivo, e surgiram até mesmo como uma consolação. De repente existia um ser, um ser muito definido, que significava algo para ele – era uma mulher, era quase sua mulher, e ela pensava nele, ou ele sentia como se ela pensasse nele.

À noite sonhou com a falecida. Via-se com ela nas florestas da região onde haviam passado juntos o último verão; estavam os dois deitados numa pradaria muito ampla, luminosamente verde; suas faces apenas se encostavam e já ardiam uma na outra; mas esse leve contato preenchia-o de uma felicidade mais elevada do que jamais sentira quando de seus abraços mais apaixonados. De repente ela sumiu, e ele a viu correndo no fim da pradaria, ao longo dos limites da floresta, com os braços estendidos no ar, como o fazia uma bailarina, que vira alguns dias atrás numa revista ilustrada, que queria se salvar de um incêndio. Nesse instante sentiu, como uma nitidez que só o sonho é capaz de conferir, que seria totalmente impossível para ele sobreviver à perda; mas, mesmo assim, continuou deitado na relva e nada fez, a não ser gritar terrivelmente. Com isto acordou e ouviu como gemia. Pela janela entravam os primeiros ruídos indistintos da manhã; a única coisa possível de se ouvir com nitidez era o gorjeio dos pássaros que acordavam no Parque Municipal. Nunca antes sua solidão o enchera de um tal

horror como então. O que sentira pela mulher que há pouco repousara junto a ele na relva, o calor vital de cuja face sentira junto a sua, colmou-o de uma tal saudade por ela, uma saudade tão monstruosa e dolorida, que teria preferido morrer por sua causa do que continuar a suportá-la. Amava aquela morta como só se devem amar os vivos, com uma ânsia devoradora por sua posse; sentia-se novamente envolvido pelo odor de seu corpo; mexeu silenciosamente os lábios, como se ela estivesse novamente a seu lado e pudesse receber seu beijo. Depois falou seu nome, cada vez mais alto, até gritar; abriu os braços, ergueu-se, levantou-se da cama, deixou cair os braços, sentiu crescer nele uma sensação de vergonha, como se tivesse faltado ao respeito com alguém que não podia mais compartilhar nem suas alegrias, nem sua saudade e seus sonhos; alguém que ele só podia prantear, mas não mais desejar.

Saiu muito cedo, passeou por uma hora pelo parque e trabalhou no escritório com tanto afinco como se fosse necessário, através de um comportamento íntegro, reparar um pecado cometido. Veio-lhe também uma idéia que o deixou surpreso por não ter ocorrido antes; e se ele se retirasse totalmente do mundo, que talvez ainda lhe trouxesse tentações, mas não mais prazer? Lembrou-se de um parente distante de

sua mãe, que fora, já maduro, para um convento. Pensar nessa possibilidade lhe trouxe calma.

À tarde deitou-se novamente; à noite saiu. Conhecia seu caminho. Foi até o mesmo lugar, até o mesmo banco em que sentara no dia anterior. Esperou e, deixando o pensamento vaguear livremente, no mormaço do anoitecer, sentiu uma leve sonolência; ao acordar, teve a sensação de estar esperando por sua mulher. Tal idéia apareceu-lhe com tal nitidez, que teve de espantá-la com um esforço de sua vontade. Esperava – e simultaneamente nutria a esperança de que a esperada não viesse. Confuso e cansado, tinha a sensação de estar indefeso e desamparado e de ir ao encontro de um destino previamente assinalado. Muitas pessoas passaram, entre as quais mulheres; não tinham mais significado para ele do que ilustrações que tivesse encontrado casualmente, ao folhear um livro à procura de uma específica. Subitamente pensou: E se ela não viesse? Ora, se ela não viesse, sabia onde morava, poderia esperar por ela no portão, entrar na casa, subir a escada... Não, isso não, de jeito nenhum; quem sabe, se ela morasse sozinha... Mas de maneira alguma ia lhe escapar.

Ficou tarde; a escuridão avançava. De repente viu a esperada. Mas ela passara diante dele sem que a reconhecesse. Novamente foi apenas seu andar o que chamou

sua atenção. Seu coração bateu descompassado. Levantou-se depressa e a seguiu. Era como se tivesse que interpelar a desconhecida com o nome da sua falecida mulher; logo, porém, percebeu que não devia fazê-lo. Caminhava tão rápido que, sem querer, chegou até bem perto dela. Ela virou a cabeça em sua direção e sorriu, como se se lembrasse dele; depois continuou a avançar, mais rapidamente. Ele a seguia como embriagado. Agora entregava-se totalmente à ilusão de que era a falecida; não mais lutava contra ela. Seus olhos fixavam-se como que enfeitiçados em sua nuca. Sussurrava o nome da falecida; sussurrava mais alto e o pronunciou:

- Therese...

Ela parou. Ele ficou a seu lado, assustado. Ela olhou para seu rosto, sacudiu a cabeça, surpresa, e se dispôs a continuar a caminhada. Com voz abafada ele disse:

- Por favor... por favor...

Ela respondeu com suavidade:

- O que o senhor deseja? – Era uma voz totalmente estranha. Quando mais tarde se lembrava desse momento, via-se sempre a si próprio vários anos mais jovem, imberbe, quase uma criança, porque ela o tinha olhado como se olha para uma criança de quem se gosta.

Ela continuou a falar:

- De onde o senhor me conhece? Como é que sabe meu nome?

Não lhe pareceu estranho que ela de fato se chamassem como a falecida. Disse:

- Ontem... eu a vi.

- Ah, sim. – Ela acreditava, evidentemente, que ele tivesse perguntado por seu nome em sua casa. Gustav sentiu sua coragem crescer.

- Mas eu bem que senti – disse ela -, ontem à noite, que alguém me seguia. Eu nunca olho pra trás na rua, mas a gente logo percebe. Não é?

Continuaram a caminhar lado a lado, e Gustav sentiu uma súbita jovialidade, como se tivesse bebido alguns copos de vinho.

- Sabe, isso de alguém me falar na rua, faz tempo que não me acontecia. Claro, é difícil eu estar na rua assim sozinha, à noite. De dia, claro, é outra coisa, né? De dia a gente sempre tem algo pra fazer na cidade.

Ele ouvia. Uma sensação agradável tomou conta dele. O som desta voz de mulher lhe fazia bem. Agora, enquanto ela calava e o olhava de lado, sorrindo, como se esperasse uma palavra dele, Gustav disse:

- Mas, agora, faz tanto calor de dia; a não ser que a gente precise, deve-se sair só à noite. De dia nenhum lugar fica tão fresquinho como a casa da gente. – Ficou contente de poder falar tão livre e fluentemente. Não o esperara.

- Aí o senhor tá certo. E justo lá, onde eu moro.... Pois é, o senhor já sabe... – e ela sorria, amável -, lá nunca bate sol. É verdade, eu preciso dizer: quando eu saio, assim, lá pelo meio-dia, para o Ring, aí é que nem entrar num forno.

Isso lhe deu motivo para falar o calor que fazia em seu escritório, e também de seus colegas, que às vezes adormeciam durante o trabalho. Ela riu; isto o encorajou ainda mais e, com verdadeira alegria pelas próprias palavras e pela atenção dela, começou a contar mais coisas: como passava seus dias, agora que fazia algum tempo ficara viúvo... E pronunciou esta palavra como se fosse algo perfeitamente comum; mas, mesmo assim, sabia que até então nunca a pronunciara a seu próprio respeito. Fez-lhe bem que sua acompanhante, depois disso, o olhasse com comiseração.

Depois ela contou de si. Gustav ficou sabendo que ela era namorada de um homem muito jovem, que agora estava passando algumas semanas no campo com os pais e que só voltaria em três semanas.

- Do contrário, ele está sempre às sete na minha casa e eu já estou tão acostumada com isso que nem sei o que é que devo fazer com o tempo quando ele não está aqui. Então é claro que ele sai pra passear comigo, e agora preciso ficar andando por aí sozinha; ele não sabe de nada... oh, ele nem deve ficar sabendo, ele é tão ciumento! Mas, faça-me o favor, não se pode pedir que eu fique trancada no meu quarto nessas noites tão bonitas, né, como é que pode? Daí, fico falando com o senhor... É claro que eu nem deveria fazer isso. Mas olhe só, quando faz

uns oito dias que a gente não falou nada uma só palavra com ninguém, daí faz um bem imenso.

Haviam chegado perto de casa.

- A senhorita já quer ir para casa? – disse ele. – Vamos sentar no parque e conversar um pouco mais.

Retornaram, caminhando os poucos passos até o Parque Municipal e, numa alameda bastante escura, sentaram-se num banco. Ela se sentou bem perto dele; ele semicerrou os olhos e, como ela calasse, teve novamente a plena sensação de que sua esposa estava a seu lado. Mas quando ela voltou a falar, ele estremeceu. Sentiu como se essa mulher, justamente enquanto calava e lhe deixava sentir sua proximidade e seu calor, tivesse tentado imitar como que deliberadamente a falecida. E de novo lhe veio à mente a idéia de que ela sabia o que acontecia em seu íntimo. Sentiu surgir dentro de si uma leve irritação. Sentiu também que estava sendo exercido um certo poder sobre ele, sem qualquer direito, e do qual deveria se libertar. Quem era mesmo esta pessoa? Uma mulher como muitas outras, que em nada lhe interessava; a amante de um jovem, que agora estava no campo com seus pais e antes, bem entendido, a amante de dez ou cem outros. E, mesmo assim, não adiantava; através de seu vestido irradiava em sua direção o mesmo calor de sua

falecida mulher. Tinha o mesmo andar, a mesma nuca e um peculiar tremor nos lábios, como ela. Aproximou-se mais da moça. Sentiu desejo de beijar seu pescoço e o fez. Ela não se afastou. Então ela disse alguma coisa, tão baixo que ele não entendeu. Ele perguntou, os lábios ainda perto de seu pescoço:

- O quê, Therese?

- Preciso ir para casa, está ficando tarde.

- O que é que a senhorita tem para fazer?

- Ah, não é por isso – respondeu ela e se levantou subitamente. Agora ela era, de novo, totalmente outra. Gustav sentiu verdadeira vontade de ameaçá-la, como a alguém que se arroga um direito que não lhe cabe. Sentiu como se tivesse que defender alguém que sozinho não mais pudesse fazê-lo. Ele também se levantou, procurou-lhe a mão, apertou seu punho, queria causar-lhe dor. Mas aí sua ira voltou a sumir, sua pressão se tornou mais leve, terna; e, muito próximos um do outro, quase abraçados, deixaram o parque.

Durante o caminho de volta nada disseram. Ela parou junto ao portão.

- Agradeço a companhia – disse.

- Será que eu posso...?

- Mas que idéia! – exclamou ela. – Se o zelador percebe alguma coisa, logo a casa toda fica sabendo. Bem, e então...

Os olhos de Gustav brilhavam. Ela o olhou quase com compaixão, mas muito agradavelmente tocada.

- Quer saber de uma coisa? – disse depois, em voz bem baixa -, amanhã à tarde, às quatro, aí não chama tanto a atenção. Daí o senhor sai de casa enquanto é dia.

Ele assentiu como que liberado.

- Então até amanhã, agora o senhor precisa ir. – Ela retirou a mão, que ele ainda segurava na sua, e apressou-se escada acima.

Gustav não conseguiu pregar os olhos à noite. Em meio a uma abafada sonolência, pensava na falecida e sentia como se devesse vingá-la naquela mulher viva, que cheirava do mesmo jeito, que irradiava o mesmo calor e que desencadeava os mesmos desejos que a outra, que agora descansava no túmulo. Também pensou que haveria ainda outras centenas, milhares de mulheres como essa, com quem estivera sentado à tarde no parque e que não era nada mais que uma prostituta. Sentiu como uma nitidez maior do que nunca a monstruosa injustiça que cometera contra a falecida, e pressentiu um ridículo engano que deveria ser praticado contra ele. E quando pensava

na tarde do dia seguinte, era-lhe impossível imaginar em seus braços outra que não sua mulher. Sentia-se indefeso, e isso o enchia de ira.

Pela manhã, no escritório, teve um breve período de calma. Durante um momento pensou em nem visitar a moça. Essa idéia fez com que ele até respirasse mais livremente. Depois lhe surgiu outra idéia: ir mesmo até lá, mas, depois de uma hora de prazer, despedir-se dela e simultaneamente de todas as alegrias deste mundo e, como tinha se proposto recentemente, entrar num convento.

Ficou longo tempo à mesa, bebeu um vinho melhor do que o de costume e depois foi para a casa da mulher. Era uma tarde muito quente e o calçamento reluzia, por causa do sol. Quando chegou à Wollzeile, uma brisa fresca soprou em sua direção. A rua em que ficava a casa da moça estava sob uma sombra profunda e totalmente vazia. A janela da qual ele a vira olhar dois dias atrás estava aberta, mas as cortinas, cerradas, mexiam levemente com o vento.

Entrou pelo portão, subiu a escada. Ao fazer isso lembrou-se de sua aventura de juventude. Também naquele tempo costumava visitar a amante por volta daquela hora. A porta, no alto, estava apenas encostada; ele a abriu. Therese

estava diante dele, mas ele não conseguiu enxergar claramente seus traços no vestíbulo escuro. Ela fechou rapidamente a porta e abriu outra, que levava para o quarto vizinho, tão depressa que a cortina da janela voou para o alto com a corrente de ar, e Gustav pôde ver durante um instante a cumeeira do telhado da casa em frente. A porta para o quarto contíguo estava aberta. Gustav pôs o chapéu sobre a mesa; sentou-se; ela, a seu lado.

- O caminho pra cá foi longo? – perguntou ela.

Ele olhou pela porta aberta. Viu uma pintura a óleo, ruim, que representava uma Madona com o menino Jesus, dependurada sobre a cabeceira da cama.

- Não, é bem perto – disse ele.

Ela vestia um roupão vermelho-escuro, com mangas muito largas e que deixava o colo à mostra. Seu olhar pareceu-lhe atrevido, seus traços menos jovens do que na véspera. Achou que iria embora agora, sem nem mesmo ter tocado as pontas de seus dedos.

- É aqui que eu moro – disse ela - , mas não faz muito tempo.

Ela começou a conversar, contou de sua antiga residência, da qual “ele” não tinha gostado, motivo pelo qual

alugara essa, depois falou de uma irmã casada, que morava em Praga; depois, de seu “primeiro”, filho de um proprietário de imóveis, que a abandonara; depois, de uma viagem a Veneza, que ela havia feito com um “estrangeiro”. Gustav estava sentado, imóvel, e a deixava falar... Até onde tinha chegado! Ele, que até há poucos meses fora o marido de uma mulher virtuosa, que só a ele pertencera e a ninguém antes dele... O que queria ali? O que tinha a ver com aquela moça?... Onde estavam sua vontade, seus desejos?... Levantou-se, como se quisesse se afastar. Então ela também se levantou, pôs seus braços em volta do pescoço dele e puxou-o para si. Ele ficou tão perto dela que só conseguia ver o brilho de seus olhos. Novamente subia o odor de seu colo, e ao mesmo tempo (...)

|

(...) ele sentiu os lábios dela, **quentes**, sobre os seus... Na verdade, não era um beijo diferente do que o que recebera ainda no **outono** anterior. Havia nele a mesma **morbidez**, o mesmo **calor**, a mesma **proximidade**, o mesmo **desejo**...

|

Acordou subitamente. Tinha cruzado os braços sob a cabeça, como o fazia freqüentemente de noite, mas viu um outro forro sobre si. E, ali em cima, a Madona com o menino Jesus; a seu lado estava deitada uma mulher estranha com os olhos pesadamente fechados e um sorriso nos lábios; e poucos minutos atrás ele havia tido Therese, sua falecida mulher, em seus braços. Agora tinha um só desejo: que essa outra ficasse deitada calmamente, que não abrisse os olhos, não mexesse os lábios até ele ter se levantado e ido embora. Sabia que se ela começasse de novo a olhar, a sorrir, a suspirar e, sobretudo a tremer com os lábios como a que agora estava morta, não poderia suportá-lo, não poderia tolerá-lo. Era demasiado infame o que essa mulher tinha ousado. Observou-a com um olhar furioso. Como era possível que essa criatura lastimável, que já tivera cem amantes, arremedasse com cada gesto, com cada movimento, enquanto lhe proporcionava o mais elevado deleite, a pobre falecida, aquela que agora já tinha se decomposto? E ele, deitado ali, a seu lado... Estremeceu. Levantou-se depressa, mas sem ruído. Ela não se mexeu. Vestiu-se rapidamente. Depois ficou em pé diante dela, junto à cama seu olhar acompanhou as linhas de seu pescoço. Sentia como se essa mulher tivesse cometido um terrível roubo e como se sua falecida Therese tivesse sido roubada e enganada... Não, não devia ser assim, que ela jazesse morta no ataúde e que a carne

caísse de seus ossos, enquanto as outras continuavam a viver e ela outrora lhe concedera! Sentiu vergonha de que toda a felicidade do mundo não tivesse sido enterrada com ela.

Então ela voltou a se mexer, da mesma forma que Therese costumava se esticar e espreguiçar durante o sono. Abriu os olhos...sim, como ela. Um tremor perpassou seus lábios – sim, exatamente igual... Ah, e agora ainda mais esta?... Abriu os braços, como se quisesse puxá-lo para perto de si...

- Fale! – exclamou ele. Queria ouvir-lhe a voz. Isso teria lhe restituído a consciência fugidia. Mas ela não falou. – Fale! – exclamou novamente, com a voz semi-abafada. Mas ela o encarava sem entender e tornou a estender os braços.

Ele olhou ao redor, à procura de algo que pudesse libertá-lo. (...)

Ali, sobre a cômoda, frente à cama,
estava o chapéu, a agulha ainda estava
presa nele; (...)

(...) puxou-a para fora e, segurando-a em seu punho esquerdo, cravou-a através da camisola no peito da mulher... O golpe foi certeiro. Ela se ergueu convulsivamente, deu um grito, sacudiu os braços, pegou a agulha, não teve força para tirá-la da ferida, e caiu para trás.

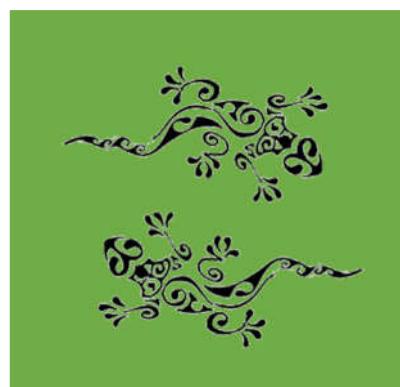
Gustav ficou parado a seu lado, viu-a estremecer, virar os olhos, levantar mais uma vez a cabeça, tornar a cair... morrer... Só depois tirou a agulha da ferida... Não havia sangue nela. A bem dizer, ele nem entendia o que acontecera. Mas de repente comprehendeu. Correu para a janela do quarto vizinho, levantou a cortina, pôs a cabeça para fora e gritou para baixo, o mais alto que podia: (...)

- Assassino! Assassino!

Ainda viu como as pessoas se aglomeravam, viu como faziam sinais para cima; depois, afastou-se da janela, sentou-se calmamente na cadeira e esperou. Para ele, era como se aquilo que fizera fosse muito bom. Pensou em sua mulher, que jazia há tempo no túmulo e em cujas órbitas estariam rastejando os vermes, e pela primeira vez desde a morte dela sentiu em sua alma algo assim semelhante à paz.

Agora tocavam violentamente a campainha. Gustav levantou-se depressa e abriu.





Visite nosso site!

confrariadaslagartixas.com

e siga-nos nas redes sociais!

@confrariadaslagartixas